

Preliminares marxistas para a compreensão do trabalho por aplicativo: uma reflexão sociológica

Marxist preliminaries for understanding work by app: a sociological reflection

Fabiano Franco Daniel *

Submissão: 13 out. 2022

Aprovação: 8 dez. 2022

Resumo: Este artigo apresenta uma discussão teórica sobre os conceitos de trabalho e tecnologia na obra de Karl Marx, no intuito de fornecer alguns fundamentos à compreensão do trabalho intermediado pelas atuais tecnologias da informação e comunicação (TIC). Faz-se também uma breve abordagem sobre a centralidade do conceito trabalho na obra marxiana, assim como, destaca-se a concepção do autor sobre tecnologia e como a relação com as máquinas pautou, a partir da luta, a ideia de classe à época. No que diz respeito ao conceito de classe social, utilizou-se também como referência a obra de Friedrich Engels. Amparado nessa discussão, aborda-se a influência das tecnologias nos dias de hoje, para, ao fim, propor uma reflexão sobre como os atuais trabalhadores intermediados por plataformas, especificamente os motoristas, podem ser compreendidos.

Palavras-chave: motoristas; aplicativos; trabalho; tecnologia; classe.

Abstract: *This article presents a theoretical discussion about the concepts of work and technology in Karl Marx. A brief approach is made about the centrality of the concept of work in the Marxian work, as well as highlighting the author's conception of technology and how the relationship with machines guided, from the struggle, the idea of class at the time. With regard to the concept of social class, Friedrich Engels was also used as a reference. Supported by this discussion, the influence of technologies is approached today with parallel in the centrality of*

*Oficial de Justiça Avaliador Federal do TRT-10ª Região. Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGSocio) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Graduado em Direito pela mesma Universidade. Atua com temas ligados à Sociologia do Trabalho, plataformas digitais, trabalhadores, reforma trabalhista e temas correlatos. E-mail: fabiano.daniel@trt10.jus.br.

work, in order, in the end, to propose a reflection about how the current workers by platforms, specifically the drivers, can be understood.

Keywords: *drivers; applications; job; technology; class.*

Sumário: 1 Introdução | 2 Trabalho, maquinaria e classe | 2.1 Trabalho | 2.2 A maquinaria | 2.3 Classe | 3 As tecnologias hodiernas e a centralidade do trabalho | 4 A essencialidade de Marx para a compreensão dos motoristas por aplicativo | 5 Considerações finais

1 Introdução

Trabalhar é inerente ao homem. O simples ato de pegar uma fruta que caiu ao chão, a fim de saciar a fome, demanda energia, portanto, é trabalho. A sociedade capitalista deu outros contornos ao ato de trabalhar e, nesse sentido, alguns estudiosos dedicaram-se à compreensão do que é o trabalho. Para o presente artigo, destaca-se à concepção de trabalho na obra de Karl Marx, mais especificamente, ao trabalho potencializado pelas tecnologias.

Este estudo está dividido da seguinte forma: num primeiro momento, apresentarei os conceitos de trabalho, tecnologia e classe em Marx. Assim, dada a extensão da produção do autor, a fim de fazer um recorte teórico, somente as seguintes obras compõem o referencial teórico marxiano: O Manifesto do partido comunista (2004), O Capital – Livro I (2017) e Dos Manuscritos Econômicos e Filosóficos (2010). De oportuno, como a primeira obra é uma parceria com Friedrich Engels, lançarei mão das obras deste autor, O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem (1896) e A situação da classe trabalhadora na Inglaterra (2010).

Na sequência, tentarei desenvolver a hipótese a partir da qual as atuais tecnologias, representadas pelos aplicativos, podem ser compreendidas pela mesma chave que Marx compreendeu a maquinaria. Por fim, darei destaque à atualidade do pensamento marxista e sua importância para as pesquisas, sobretudo aquelas que versam sobre plataformas, aplicativos e demais vertentes que tentam explicar esse fenômeno na sociedade capitalista atual.

2 Trabalho, maquinaria e classe

2.1 Trabalho

O trabalho é conceito central na obra marxiana. No livro I d'O Capital, Marx (2017), quando inicia sua abordagem sobre o conceito de mercadoria, apresenta o trabalho como uma espécie de mercadoria que, posta no mercado, é adquirida pelo capitalista e, a partir do trabalho e outros condicionantes, compõe aquilo que Marx denomina como valor. Mas, é de extrema cautela que compreendamos que o trabalho trazido à baila por Marx, para além do valor inerente ao ato em si de trabalhar, pois, produz, constrói, modifica algo e diferencia o ser humano dos outros animais (ENGELS, [2020]), para além desse fator, o trabalho aparece como valor de troca.

Para Marx, o trabalho quando se expressa no valor "já não possui os mesmos traços que lhe cabem como produtor de valores de uso" (MARX, 2017, p. 119), pois, assim como as mercadorias podem existir como valores de uso e valores de troca, o trabalho também assim o é. Dessa forma, o trabalho humano, aquele que tem valor enquanto produtor de algo que serve a algum propósito no mundo material, é outra percepção do trabalho, para além daquela percepção que faz do trabalho um elemento crucial no processo de produção capitalista. Àquele trabalho Marx dá o adjetivo de útil (MARX, 2017). Esse trabalho determinado a uma finalidade tem valor de uso. Este seria um dos caracteres do trabalho.

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana. (MARX, 2017, p. 120).

A outra face do trabalho na obra de Marx é o trabalho como valor de troca. É o trabalho abstrato, que em princípio poderia ser mensurado, comparado e precificado (MARX, 2010, p. 25). Conforme Marx, é o trabalho no sentido fisiológico (MARX, 2017) que, ao compor o conceito de mercadoria, qualifica-se como valor de troca. É o trabalho que o homem, desprovido de meios de produção, leva ao mercado para trocar por meios que lhes dê, no mínimo, sua subsistência.

Entretanto, essa ida do trabalhador ao mercado a vender sua energia perpassa por percalços que, se não óbvios, podem ser percebidos, desde à época, pela quantidade maior de homens, mulheres e crianças:

1 Marx nos informa que à sua época o trabalho das crianças era comum e imprescindível à indústria capitalista (MARX, 2017, p. 469, nota 122).

disponíveis ao trabalho que o número de espaços a trabalhar. Nesse sentido, Marx dizia que

[...] o trabalhador tornou-se uma mercadoria e é uma sorte para ele conseguir chegar ao homem que se interesse por ele. E a procura, da qual a vida do trabalhador depende, depende do capricho do rico e capitalista. (MARX, 2010, p. 24).

Pode-se ter uma sensação de confusão ao nos depararmos com a citação acima, quando o autor diz que o trabalhador é a mercadoria e não o trabalho. Esta suposta confusão se dá porque, diferentemente dos meios de produção, no sentido de que existem por si só, o trabalho do homem, desprovido do corpo físico, serve somente como ficção a explicar o fenômeno, logo, trabalhador e trabalho fazem parte da mesma massa antropomorfa chamada homem. Dito isso, o trabalho tem um duplo caráter, conforme Marx. Enquanto em debate com a mercadoria, trabalho divide-se em trabalho útil, ou valor de uso, e trabalho como valor de troca (MARX, 2017). Esse último é a face que mais interessa para a presente análise.

Marx (2017) instiga-nos a compreender o modo de produção capitalista a partir daquilo que pensa ele ser a célula da sociedade burguesa, a saber, a mercadoria. Na obra marxiana, o conceito de mercadoria dar-nos-ia pistas cruciais à compreensão de toda a engenharia social. Entende o autor que, para além da compreensão leiga, a mercadoria esconde um emaranhado de relações sociais que, caso destrinchada, explicaria o mecanismo da sociedade como um todo:

Na análise das formas econômicas não podemos nos servir de microscópio nem de reagentes químicos. A força da abstração [...] deve substituir-se a ambos. Para a sociedade burguesa, porém, a forma-mercadoria do produto do trabalho, ou a forma do valor da mercadoria, constitui a forma econômica celular. Para o leigo, a análise desse objeto parece se perder em vãs sutilezas. Trata-se com efeito, de sutilezas, mas do mesmo tipo daquelas que interessam à anatomia micrológica. (MARX, 2017, p. 78).

As mercadorias, como já sinalizei acima, têm valor de uso e valor de troca. É interessante pontuar que as mercadorias podem ter valor de troca, sem que seu valor de uso exista no mundo fático. Um exemplo,

meio coxeante e breve, admito, é o dinheiro em papel. O dinheiro é uma mercadoria, a depender do câmbio, com enorme valor de troca, e, geralmente, muito fluida. Por outro lado, seu valor de uso, salvo se numa ilha deserta para se limpar, é ínfimo. Ou seja, dinheiro é papel apenas, como valor de uso, mas como valor de troca, é dinheiro.

E o que robustece as mercadorias com o valor de troca, segundo Marx, é o trabalho. Mas quando Marx fala em trabalho, ele tem o cuidado de conceituar e, logo, cunhar a forma trabalho socialmente necessário. Trabalho socialmente necessário seria o tempo de trabalho médio que um sujeito leva para fazer um determinado produto, dentro de um determinado contexto social. O contexto é imprescindível para a compreensão, pois, se somente fosse o tempo de trabalho o que valorizasse as mercadorias, quanto mais lento um trabalhador, mais valorizado seria o produto originário de seu labor. Por isso, nota-se a cautela em contextualizar. Assim, o tempo é um tempo médio: por exemplo, se numa determinada confecção de roupas, um indivíduo levar 15 minutos, em média, para fabricar uma camiseta, a hora, aquela hora que mensurará o trabalho do indivíduo, será o valor da camiseta multiplicado por quatro.

[...] é unicamente a quantidade de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor de uso que determina a grandeza de seu valor. A mercadoria individual vale aqui somente como exemplar médio de sua espécie. Por essa razão, mercadorias em que estão contidas quantidades iguais de trabalho ou podem ser produzidas no mesmo tempo de trabalho têm a mesma grandeza de valor. O valor de uma mercadoria está para o valor de qualquer outra mercadoria assim como o tempo de trabalho necessário para a produção de uma está para o tempo de trabalho necessário para a produção de outra. Como valores, todas as mercadorias são apenas medidas determinadas de tempo de trabalho cristalizado. (MARX, 2017, p. 117).

Segundo Marx, essa capacidade de o trabalho gerar valor é o que fomenta o interesse do capitalista em submeter força de trabalho. Imaginemos, por exemplo, que aquela camiseta confeccionada em 15 minutos custe ao dono da empresa apenas os custos fixos a manter um ser humano em pé (comida, água e banheiro), seu lucro seria preciosamente menor se, para além destes custos, tivesse que pagar pela força de trabalho.

Mercadoria, então, é um conceito chave à obra de Marx, mas à mercadoria é imprescindível o conceito de trabalho como valor de troca, a fim de se compreender o mecanismo do capital. A partir desse conceito de trabalho, o autor baseia o conceito de mais-valor, alienação, assim como, destaca o papel da maquinaria no processo de produção do valor e é a partir desse conceito de trabalho que Marx e Engels (2004) elaboram sua concepção do que é classe social.

Uma vez que o processo de trabalho seria compartimentado e cada homem executaria uma tarefa específica, o indivíduo trabalhador alienar-se-ia do trabalho. Nesse sentido, que Marx e Engels (2004, p. 52) destacam:

Quanto menos habilidade e força exige o trabalho manual, quer dizer, quanto mais a indústria moderna se desenvolve, mais o trabalho dos homens é suplantado pelo das mulheres e crianças. As diferenças de sexo e de idade não têm, mais valor social para a classe operária. Ficam apenas instrumentos de trabalho, cujo custo varia conforme a idade e o sexo.

Essa percepção permeia toda a história da luta dos homens e mulheres por melhores salários, menor jornada, enfim, luta por mais direitos, contra os capitalistas que, se legitimados por alguma força amorfa, seja um deus ou um Estado, sugarão até a última gota de sangue, suor e lágrima (MARX; ENGELS, 2004).

O antigo possuidor de dinheiro se apresenta agora como capitalista, e o possuidor de força de trabalho, como seu trabalhador. O primeiro, com um ar de importância, confiante e ávido por negócios; o segundo, tímido e hesitante, como alguém que trouxe sua própria pele ao mercado e, agora, não tem mais nada a esperar além da... esfola. (MARX, 2017, p. 251).

Resumidamente, essa abstração do trabalho que Marx elabora pode demandar certa dificuldade se imaginarmos uma empresa mais complexa, pois, queda-se lícito imaginar que para além da força de trabalho, há a potência das ferramentas, do maquinário, enfim, das tecnologias em geral. "O preço de uma mercadoria e, portanto, o do trabalho, é igual ao custo de produção" (MARX; ENGELS, 2004, p.52), logo, quanto mais ocioso o indivíduo e mais constante o maquinário poderíamos depreender que haveria justiça na minoração do preço da

hora do homem, pois, a ferramenta a este se somou. Por outro lado, se se tomar em consideração o tempo de trabalho socialmente necessário, assim como, se considerarmos que, embora mais automáticas e inovadoras, as máquinas não são autônomas. Sempre haverá um corpo a suar por trás delas. Dito isso, à maquinaria.

2.2 A maquinaria

Não é possível, então, refletir sobre o valor do trabalho e sua centralidade no conceito de mercadoria sem se levar em consideração o papel das tecnologias, ou numa acepção mais condizente com a linguagem marxiana (MARX, 2017), o papel do maquinário. De antemão, é imprescindível a compreensão do conceito de mais-valor para compreender a importância da maquinaria no processo produtivo. Mais-valor, em resumo, seria o tempo de trabalho não pago. Nesse sentido, se um trabalhador produz quatro camisetas em uma hora e cada camiseta custa cinquenta reais, o trabalhador produz duzentos reais em uma hora. Pressupondo-se que o trabalhador seja remunerado a dois mil e duzentos reais ao mês, ou seja, dez reais por hora, daqueles duzentos reais produzidos em camiseta, cento e noventa reais correspondem ao mais-valor².

Assim, na esteira do que Marx concebeu, mais-valor absoluto seria o aumento da jornada de trabalho, e nesse ponto a maioria das lutas dos trabalhadores se concentra, porque mais perceptível. Entretanto, há o mais-valor relativo, que, em resumo, é a otimização do trabalho, ou seja, quanto mais um trabalhador pode produzir em uma hora com o auxílio de uma ferramenta ou com a especialização do processo produtivo. Nesse último ponto, enquadra-se a maquinaria, pois, esta “é meio para a produção de mais-valor” (MARX, 2017, p. 445).

Incautos ou imbuídos de malícia poderiam dizer que a maquinaria por si só produz valor, mas entendo ser uma concepção equivocada, embora sedutora, porque o homem à máquina se deixa acoplar e o que aquele produz por esta é potencializado. A maquinaria potencializa o processo de produção de valor, logo, maximiza o mais-valor relativo. Nesse sentido, Marx (2017) nos dá pistas sobre essa compreensão quando diz que:

2 Considerando-se uma jornada padrão de 220 horas/mês, e excetuando-se outros custos a fim da melhor compreensão.

[...] a produção de uma máquina custa a mesma quantidade de trabalho que se economiza em sua aplicação, o que se tem é um mero deslocamento do trabalho, de modo que a soma total do trabalho requerido para a produção de uma mercadoria não é diminuída, ou a força produtiva não é aumentada. Mas a diferença entre o trabalho que ela custa e o trabalho que economiza, ou o grau de sua produtividade, não depende, evidentemente, da diferença entre seu próprio valor e o valor da ferramenta que ela substitui... A produtividade da máquina é medida, assim, pelo grau em que ela substitui a força humana de trabalho. (MARX, 2017, p. 464).

Esse processo imaginário de valorização do produto em detrimento do trabalhador transferiu as energias para a luta dos trabalhadores do século XIX, que antes eram contra o capitalista, para contra o maquinário. Compreendiam que a máquina lhe surrupiaria o posto de trabalho, mas, ao menos à época, sem o homem estas não geravam valor. Então, Marx percebe e assinala que

[...] foi preciso tempo e experiência até que o trabalhador distinguisse entre a maquinaria e sua aplicação capitalista e, com isso, aprendesse a transferir seus ataques, antes dirigidos contra o próprio material de produção, para a forma social de exploração desse meio. (MARX, 2017, p. 501).

Ou seja, faz-se premente entender a concepção de classe em Marx.

2.3 Classe

O processo de exploração do trabalho, diante do exposto, é eminentemente um processo oriundo de uma relação social. Nesse sentido, o relacionamento entre trabalhadores e capitalistas, no seio da sociedade burguesa, é perpassado necessariamente pela luta de classes. Assim, o trabalhador identifica-se como proletário e formata, ao mesmo tempo que é formatado, a sua própria classe social, mas, embora o proletário seja para Marx e Engels um conceito respectivo à sociedade capitalista burguesa, a classe e, logo, as lutas entres estas, são históricas, pois, segundo os autores (MARX; ENGELS, 2004, p. 45, "a história de todas as sociedades que existiram até hoje é a história de lutas de classes". Assim, aqueles trabalhadores se formavam enquanto classe através da luta de classes.

Na teoria marxiana, o modo de produção capitalista modifica a estrutura de classes da sociedade. Não significa isso dizer que Marx identifica as classes somente no capitalismo, mas que no seio da sociedade burguesa, o capital, a partir da divisão social do trabalho, transforma os indivíduos em classes opostas e polarizadas. Assim, o capital fomenta a migração dos indivíduos para um dos polos, geralmente, sobretudo devido à posse da propriedade privada ser privilégio de poucos, ao polo dos trabalhadores. Esta divisão de classes, para Marx, rompe o critério nacional e, homens e mulheres que outrora eram cidadãos de determinada província agora são opressores ou oprimidos. Burgueses e proletários.

A burguesia suprime cada vez mais dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou a população, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos. A consequência necessária disso foi a centralização política. Províncias independentes, ligadas entre si quase que só por laços confederativos, com interesses, leis, governos e tarifas aduaneiras diferentes, foram reunidas em uma só nação, com um só governo, uma só legislação, um só interesse nacional de classe, uma só barreira aduaneira. (MARX; ENGELS, 2004, p. 50).

Nesse sentido, como classe dominante, a burguesia seria a grande fomentadora dessa ideia de classe em Marx, pois, ao elaborar o Manifesto do partido comunista, Marx e Engels (2004), ao mesmo tempo que dão à burguesia o protagonismo na formatação social, responsabilizam-na pela alimentação da classe antagônica, ou seja, os proletários, pois, “a burguesia não forjou apenas as armas que lhe trarão a morte: produziu também os homens que empunharão essas armas – os operários modernos, os proletários” (MARX; ENGELS, 2004, p. 55).

No sentido do parágrafo acima, Marx e Engels explicam por que o proletário, diferentemente das classes de outrora, embora desprovido de meios, tem a força para revolver o terreno burguês e, assim, modificar a estrutura social em favor das majorias, pois, segundo os autores do manifesto:

Todas as classes que no passado conquistaram o poder procuraram consolidar a posição já adquirida submetendo toda a sociedade às suas condições de apropriação. Os proletários não podem se

apoderar das forças produtivas sociais a não ser suprimindo o modo de apropriação a elas correspondente e, com isso, todo modo de apropriação existente até hoje. Os proletários nada têm de seu para salvaguardar; têm para destruir toda a segurança provada e todas as garantias privadas até aqui existentes. (MARX; ENGELS, 2004, p. 56).

E continuam os autores:

Todos os movimentos precedentes foram movimentos de minorias. O movimento proletário é o movimento independente da imensa maioria no interesse da imensa maioria. O proletário, estrato inferior da atual sociedade, não pode erguer-se, pôr-se de pé, sem que salte pelos ares toda a superestrutura dos estratos que constituem a sociedade oficial. (MARX; ENGELS, 2004, p. 56).

Dito isso, a fim de sintetizar itens acima, concluo dizendo que os trabalhadores em Marx, alienados do processo de trabalho porque, sobretudo com advento das tecnologias, são meros executores de tarefas determinadas, quase que meros componentes das máquinas, potencializam o lucro, pois, produzem mais-valor, submetem-se a uma divisão social do trabalho, reconhecem-se como classe e antagonizam-se ao burguês proprietário. A burguesia, por outro lado, detém os meios de produção, apropria-se do mais-valor e ocupa posição de poder na divisão social do trabalho.

3 As tecnologias hodiernas e a centralidade do trabalho

Há, diante das novas tecnologias, um debate sobre a centralidade do trabalho. Por causa do espaço que estão tomando nas discussões sobre trabalho os trabalhadores por aplicativo, centrar-me-ei na categoria dos motoristas por aplicativo, a fim de tentar entender se estes ocupam uma centralidade no mercado de trabalho e na produção de valor atualmente.

Como abordado acima, quando Karl Marx (2017) propõe a sua conceituação de mercadoria, elabora-a tendo como conceito imprescindível o trabalho. Naquele sentido, o trabalho socialmente necessário é nuclear no que tange ao valor de troca das mercadorias. Ou seja, o trabalho humano é o que sustenta a lógica capitalista.

Com o advento da maquinaria, o processo produtivo do século XIX se viu diante de uma maximização da produção e, contrariamente

àquilo que propugnavam seus entusiastas, pois, alegava-se que as máquinas libertariam o homem dos grilhões que o aprisionavam à empresa capitalista, a produção aumentou, pois, o mercado consumidor aumentou e o trabalhador foi rebaixado a um posto anexo à máquina. Diferentemente de como é na manufatura, quando o indivíduo tem noção do que é o produto, o homem/mulher, com o advento da maquinaria aliena-se ainda mais do processo e aliena-se também do produto, pois, não há valorização da mão de obra na mesma proporção do valor que gera.

Atualmente, as novas tecnologias, que se nos apresentam através de aplicativos para celulares, por exemplo, possibilitam à massa de desempregados, e a uma quantidade razoável de empregados que querem complementar renda, o acesso a uma rede de consumidores que demandam serviços diversos. Dessa maneira, um motorista, um motociclista, uma faxineira, um médico, professor etc., disponibilizam sua força de trabalho, através de um aplicativo, que os liga àquela rede de consumidores. A partir da década de 1970, o setor de serviços começou a ganhar centralidade no mercado de trabalho (POCHMANN, 2001), o que proporcionou alguma dificuldade para os teóricos marxistas, vez que a teoria do valor-trabalho teria como elemento central o operário. Transporte a dificuldade daqueles anos 70 aos dias atuais, pois, os trabalhadores por aplicativo são prestadores de serviço.

Dito isso, como poderíamos enquadrar a teoria marxiana ao cenário atual? Algumas dificuldades: ensinam-nos Marx e Engels (2004) que os proletários são aqueles que não detêm os meios de produção. Então, quem seriam os atuais proprietários dos meios de produção na relação dos trabalhadores por aplicativo? Peguemos o exemplo dos motoristas: Estes têm o carro e o aparelho telefônico, essenciais à prestação do serviço. Como compreender a relação de prestação de serviço feita por estes trabalhadores a partir da chave marxiana, ou melhor, como vislumbrar nesse tipo de serviço a centralidade do trabalho no processo de produção de valor?

Creio que a questão da prestação de serviços, embora complexa, aparentemente seja menos difícil de perceber, pois, sem o homem atrás do volante, não há serviço, ao menos atualmente, haja vista, as pesquisas e investimentos mundiais em tecnologias que servem à autonomia dos veículos (NERY, 2021). Mas, e no que tange aos meios de produção? Nesse caso, tendo a compreender que, embora o carro, por exemplo, seja uma ferramenta, o verdadeiro meio de produção é a tecnologia por trás dos aplicativos. Nesse sentido, Fontes (2017) traz a abordagem que, não

obstante o motorista ser proprietário do carro e do aparelho *smartphone*, as empresas por aplicativo, detém a tecnologia que agencia os motoristas e passageiros a fim de lucrar com o labor alheio:

Seguem algumas características da empresa Uber, lembrando que ela aqui figura apenas como um exemplo. Uber não é proprietária direta das ferramentas e meios de produção (o automóvel, o celular), mas controla ferreamente a propriedade da capacidade de agenciar, de tornar viável a junção entre meios de produção, força de trabalho e mercado consumidor, sem intermediação de um “emprego”. A empresa detém, juntamente com outras grandes empresas ou proprietários, a propriedade dos recursos sociais de produção. (FONTES, 2016, p. 56).

Trata-se de uma nova configuração. A inovação está em ligar a demanda pelo serviço ao próprio serviço. Se o motorista trabalhasse por si, como autônomo, ofereceria sua força e retiraria a contraprestação do seu contratante. No caso em tela, uma empresa recruta no mercado de trabalho uma infinidade de homens e mulheres e os disponibiliza através de sua bandeira, seu logotipo. O consumidor não contrata o indivíduo, mas sim a empresa X ou Y, que poderá reter, a depender do trecho percorrido, da hora do serviço prestado, da demanda e alguns condicionantes que não são claramente definidos, até 40% do valor das corridas (UBER, 2020).

Entendo estarmos diante de uma exploração mais limpa, digamos assim, mas tanto quanto ou mais nefasta daquela à época de Marx. Aqui a empresa obtém um lucro a partir da força de trabalho de pessoas que laboram mais de 12 horas ao dia, sem sequer dar-lhes de comer, pois, alega, que são autônomos. Apesar de a face ser outra, nas atuais tecnologias o trabalhador continua sendo a fonte de criação de valor a fomentar as empresas e todo mercado de capitais que orbita em torno destas.

4 A essencialidade de Marx para a compreensão dos motoristas por aplicativo

No prefácio de A situação da classe trabalhadora na Inglaterra, Engels (2010) anuncia que no transcórre do livro as palavras operários (*working men*), proletários, classe operária, classe não proprietária e proletariado, serão tratadas como sinônimos. No Manifesto do partido

comunista, Marx e Engels (2004), em nota, destacam que por proletário entende-se “a classe dos trabalhadores assalariados modernos, que, não tendo meios de produção próprios, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver” (MARX; ENGELS, 2004, p. 45).

Talvez enfatizar que o motorista por aplicativo compõe o novo proletário demande uma tarefa mais complexa que um mero jogo conceitual a fim de, a partir de algumas premissas, deduzir se são ou não o que se espera que sejam. Se tomarmos como premissa o conceito do manifesto, por exemplo, os motoristas não são assalariados. Embora remunerados pelo serviço, não recebem salários. Nesse ponto, assemelham-se a autônomos.

Mas, a partir do conceito de trabalho como gerador de mais-valor, os motoristas, conforme tentei sinalizar acima, assemelham-se aos operários. Antunes e Braga (2009) falam em infoproletários para nos explicar as categorias de trabalhadores que, componentes dessa nova morfologia do trabalho, oriundas das transformações tecnológicas são explorados pelo capital, mas com uma face um tanto quanto diversa, porque mais limpa³.

O motorista por aplicativo labora uma jornada extensa e extenuante porque a dinâmica dos *softwares* assim os demanda. Não há, na maioria das cidades, lugares para descansarem ou para satisfazerem suas necessidades fisiológicas, tampouco se alimentarem. Não são protegidos dos acidentes de trabalho, nem das intempéries, pois, estão apartados do sistema protetor legal. Enfim, trata-se de homens e mulheres, jovens e velhos, que, muitas vezes por falta de alternativas, submetem-se a este tipo de trabalho. Talvez alguns se identifiquem como empresários, como autônomos, estejam felizes, pois, sentem-se livres e donos de seu tempo de trabalho, não precisam aturar um chefe, veem-se pela chave da autonomia, diferentemente da relação de emprego que, por óbvio, é heterônoma. Entretanto, ao se verificar o fenômeno tem-se indícios de que se trata de um trabalhador explorado.

Um componente que é posto no debate oriundo da perspectiva de compreensão desses trabalhadores é a questão subjetiva. Por exemplo, a plataforma Uber que iniciou suas atividades Brasil em 2014 e com boa adesão, absorve parte dos desempregados de hoje, que compunham

3 Utilizei o adjetivo “limpa” algumas vezes para explicar a exploração atual. Explico que, por uma questão pessoal, sempre que leio sobre a classe trabalhadora do Século XIX, lembro dos relatos da obra *Germinal*, de Émile Zola (2016), assim, em confronto com os explorados de hoje, aqueles ostentavam os rostos sujos das minas e indústrias, estes devem estar asseados, para melhor atender aos passageiros.

uma parcela dos trabalhadores de ontem (JUNGE; TAVARES, 2020). Ou seja, nos momentos em que o Brasil tinha uma porcentagem baixa de desempregados e um consumidor ávido por bens duráveis, outrora só atingíveis pela classe média, aos trabalhadores era possível a aquisição desses bens. No caso dos motoristas, a pesquisa de Junge e Tavares (2020) dá indícios de que os veículos, hoje ferramentas de trabalho, ontem eram destinados ao lazer da família ou ao trajeto casa-trabalho-casa. Como identificar esses motoristas como proletários?

Uma pesquisa empírica poderá denotar melhor esse aspecto. Entretanto, se tomarmos como ponto de partida os mais de 14 milhões de desempregados e os mais de 5 milhões de desalentados (IBGE, [2021]), no terceiro trimestre de 2020, assim como, o avanço dos cadastros de trabalhadores nos aplicativos de mobilidade e de entrega de comida, que já somam mais de 2 milhões em todos o Brasil (MANZANO; KREIN, 2020), temos uma ideia de como anda a percepção objetiva do motorista, ou seja, quem do ideal da classe média.

Neste ínterim, tendo a pensar que os infoproletários de Antunes e Braga (2009) carregam semelhanças com os proletários descritos por Marx e Engels (2004), mas precisam ser melhor analisados, pois, diferenças contextuais trazem outras reflexões a serem consideradas.

5 Considerações finais

Como tentei sinalizar acima, Marx põe como característica central do seu conceito de mercadoria, o trabalho. Nesse sentido, sendo a mercadoria ponto nevrálgico para o desenvolvimento de sua crítica, o trabalho também assim o é. No que tange às tecnologias, Marx aborda como esses mecanismos potencializam o processo de produção do valor, mas sem prescindir do trabalho socialmente necessário, ou seja, a mercadoria maximiza aquilo que o homem produz, aumentando, dessa forma, o mais-valor relativo.

No que se refere ao conceito de classe, que para Marx e Engels forma-se a partir da divisão social do trabalho, mas na luta entre antagônicos, penso ser imprescindível refletir sobre os movimentos de classe dos entregadores, por exemplo, o Breque dos Apps⁴, tendo em vista a discussão que há em Marx. Não se trata de utilizar a teoria marxista e marxiana como mero molde a compreender a dinâmica

4 Referência à paralisação dos Entregadores de Comida que trabalham para os aplicativos de entrega ocorrida em julho de 2020.

dos trabalhadores de hoje, mas sim de utilizar algumas premissas que estruturam a lógica capitalista, por exemplo, o conceito de mercadoria, de trabalho socialmente necessário e mais-valia, elaborados por Marx, pois, não obstante a legitimidade daqueles que pensam diferente, a crítica da economia política do autor alemão é relevante e possível aos dias de hoje.

Por fim, vende-se aos usuários e parceiros⁵ uma solução de mobilidade para as cidades, mas se ocultam as mazelas do serviço. Em *O capital* (2017), quando Marx destaca o caráter fetichista da mercadoria, ele diz que “uma mercadoria aparenta ser, à primeira vista, uma coisa óbvia, trivial. Mas sua análise a revela como uma coisa muito intrincada, plena de sutilezas metafísicas e caprichos teológicos” (MARX, 2011, p. 146). O atual serviço por meio de aplicativos esconde fenômenos que demandam uma análise mais acurada, objetiva, empírica, enfim, mais sociológica. Concluo, então, que, tal qual a mercadoria em Marx, o serviço por aplicativo também ostenta seu fetiche.

Referências

ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (org.). *Infoproletários: degradação real do trabalho virtual*. São Paulo: Boitempo, 2009.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.

ENGELS, Friedrich. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. [S. l.: s. n.], [2020]. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>>. Acesso em: 15 set. 2020.

FONTES, Virgínia. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. *Kallaikia - Revista de Estudos Galegos*, n. 2, p. 88-112, jun. 2017.

IBGE. *Desemprego*. Rio de Janeiro, [2021]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 26 fev. 2021.

JUNGE, Benjamin; TAVARES, Álvaro Prado Aguiar. Subjetividades

⁵ Empresas por aplicativo, por exemplo, a Uber, denominam os motoristas de parceiros, conforme Temos de Uso da plataforma (UBER, 2021).

móveis: sentidos de periferia e percepções da crise entre motoristas de Uber de Recife. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 103-123, jan./abr. 2020.

MANZANO, Marcelo; KREIN, André. A pandemia e o trabalho de motoristas e de entregadores por aplicativos no Brasil. *Remir Trabalho*, Campinas, 13 jul. 2020. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/remir/index.php/condicoes-de-trabalho/186-a-pandemia-e-o-trabalho-de-motoristas-e-de-entregadores-por-aplicativos-no-brasil>. Acesso em: 11 jan. 2023.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro I: O processo de produção do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NERY, Emily. Alemanha libera circulação de carros autônomos. *Jornal do Carro*, São Paulo, 17 fev. 2021. Disponível em: <https://jornaldocarro.estadao.com.br/carros/alemanha-libera-circulacao-de-carros-autonomos/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

POCHMANN, Márcio. *O emprego na globalização: nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu*. São Paulo: Boitempo, 2001.

UBER. Entenda tudo sobre a taxa de serviço e como calcular os seus ganhos. *Uber Blog*, [S. l.], 20 jan. 2020. Disponível em: <https://www.uber.com/pt-BR/blog/entenda-taxa-servico/>. Acesso em: 26 fev. 2021.

UBER. *Termos gerais de uso*. [S. l.], 19 jul. 2021. Disponível em: <https://www.uber.com/legal/pt-br/document/?name=general-terms-of-use&country=brazil&lang=pt-br>. Acesso em: 12 ago. 2020.

ZOLA, Émile. *Germinal*. São Paulo: Seguinte, 2016.